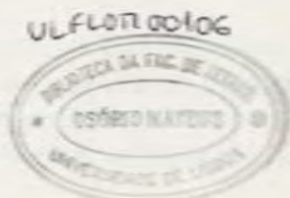


Mário de Sá-Carneiro

JUVENÍLIA DRAMÁTICA

Introdução de MANUELA NOGUEIRA

Nota de MARIA ALIETE GALHOZ



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

Mário de Sá Carneiro

O VENCIDO

*Ao seu «maior» amigo
Rogério Garcia Perez
oferece este exemplar do Vencido*

O Autor:
M. DE SÁ CARNEIRO
Lisboa, 13 de Fevereiro de 1908

PERSONAGENS

Rodrigo

52 anos. É um sábio que só crê na ciência, em mais nada. Porte altivo. Abundantes cabelos brancos.

O Padre

50 anos. Missionário. Longa barba. A antítese de Rodrigo. Crente até ao misticismo.

António

60 anos. Criado de Rodrigo há 19 anos. Trata o patrão quase como igual. Bondade rude. Ignorância.

Daniel

18 anos. Filho de Rodrigo. Desenvolvido de mais para a idade.

Maurício

20 anos. Amigo de Daniel. Alegre, estouvado.

O Médico

45 anos. Figura distinta.

Dois Trabalhadores.

Nos arredores de Lisboa — Actualidade.

Personagens

- "Rodrigo," _____ *hojeiro*
52 annos. 2.
um cabido que só se
põe a escrever, e que me
made. Portador de
douto e de llo bento.
- "O Padre," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
cousa. Longa bala.
de antelhe de llo bento.
Cousa de llo bento.
- "Antonio," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
- "Daniel," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
- "Mauricio," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
- "O Medico," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
- "Dois trabalhadores," _____ *hojeiro*
50 annos. 2.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.
Cousa de llo bento.

"O meu amigo de llo bento. Acto de llo bento."

ACTO ÚNICO

(A cena representa uma casa de jantar mobilada simplesmente.)

CENA I

Rodrigo, Daniel

(Quando o pano sobe Rodrigo está sentado lendo uma revista científica. Daniel entra vestido de caçador. Rodrigo põe então a revista de lado.)

Rodrigo: Com que então, Daniel, pronto e armado, hein? Pois é pena, meu rapaz. Gostaria que estivesses presente no momento da chegada desse meu velho amigo, o padre Sousa, que há vinte anos não via e de quem tanto te tenho falado.

Daniel: É na verdade um dissabor, meu pai, mas que quer? Comprometi-me com o Maurício e ser-me-ia impossível faltar; além do que, vindo o seu amigo passar connosco oito dias, não fará grande diferença que só amanhã faça o seu conhecimento.

Rodrigo: Sim, tens razão. Ah! como ficarás encantado quando o conheceres! Imagina o melhor, o mais corajoso, o mais leal de

todos os homens e terá o padre Francisco de Sousa, o valente missionário de quem tanto se tem falado nestes últimos tempos por causa dos tormentos que sofreu quando foi aprisionado por um bando de selvagens.

Daniel: Sim, meu pai. Faço bem ideia do que deva ser um tal homem; tanto mais que o pai diz que é ele o seu melhor amigo e eu sei bem quão escrupuloso é na escolha dos seus íntimos.

Rodrigo: Falas acertadamente: é grande, grandíssima, a estima que dedicamos um ao outro.

Daniel: Por certo. Amizade, que resiste a vinte anos de ausência, é inquebrantável.

Rodrigo: E ainda é preciso notar-se que durante esse lapso de tempo apenas trocámos uma meia dúzia de cartas. Francisco, sempre pelo interior do sertão, raras vezes me escrevia e há mais de dois anos que não recebia notícias suas.

Daniel: Mas como soube do seu regresso?

Rodrigo: Pelos jornais. Todos falavam dele. Contavam as suas proezas, os seus actos de coragem e abnegação, dando ao mesmo

tempo notícia do dia exacto da sua chegada, que foi, como sabes, na terça-feira. Ao ler tal apressei-me a transpor os poucos quilómetros que nos separam de Lisboa, e, quando Francisco descia do paquete que o trouxera de África, a primeira pessoa que ele viu, fui eu. Caímos nos braços um do outro e apertámo-nos por alguns instantes. Depois acompanhei-o a casa de seu irmão, onde se foi hospedar, jantei com ele e convidei-o para vir passar oito dias aqui, no nosso retiro. O meu convite foi entusiasticamente aceite e ei-lo que chega hoje.

Daniel: Desculpe o que lhe vou dizer, meu pai, mas confesso que me admira bastante essa sua grande amizade por um padre. O pai odeia tudo quanto lhe fale de Deus, da religião; parecia-me pois, com os sentimentos que lhe conheço, que bastaria esse homem ser um sacerdote para que, embora o estimasse, não quisesse conviver com ele. Por certo que esse homem há-de reprovar acerbamente a sua maneira de pensar, por força que mais duma vez lhe há-de falar em Deus, por isso...

Rodrigo: Cala-te. As convicções religiosas nada têm com a amizade. Francisco mesmo, crente até ao misticismo, compreende isso também e liga-se comigo, com o ateu. É certo que algumas vezes, quando se não pode conter, me exproba pela minha falta de crenças. Noutros tempos, quando ele ainda estava em Lisboa,

Esta edição de
JUVENÍLLA DRAMÁTICA

de Mário de Sá-Carneiro

foi composta e impressa por A. Coelho Dias, S.A., em Lisboa

Acabamento nas Oficinas Gráficas da
Imprensa Nacional - Casa da Moeda

Tiragem 1300 exemplares

Capa de Carlos Marin — Grafidex

Acabou de imprimir-se
em Março de mil novecentos e noventa e cinco

edição 45-006 795

CDD 282 189-006

ISBN-972-27-0690-X

DEPÓSITO LEGAL 96 30895